

TIPOS HUMANOS EM MENINO DE ENGENHO, DE JOSÉ LINS DO REGO : UMA ABORDAGEM DO UNIVERSO VOCABULAR

MARIA DAS NEVES ALCÂNTARA DE PONTES
(UFPB - Brasil)

A presente comunicação intitulada *tipos humanos em menino de engenho, de José Lins do Rego: uma abordagem do universo vocabular* é parte da nossa pesquisa desenvolvida no Doutorado em Letras, na UNESP-Araraquara-SP. Hoje, constitui Linha de Pesquisa sob o título: *Lexicologia e Falares Regionais: uma perspectiva geo-sócio-etnolingüística*, tendo como objetivo o estudo da dinâmica da constituição lexical e seu contexto, considerando as inter-relações do sistema sociocultural com o sistema lingüístico, uma vez que a Sociolingüística e a Etnolingüística têm dado explicações sobre a língua como veículo de manifestações socioculturais e têm conseguido avanços significativos na investigação da língua como reflexo da cultura.

A escolha da obra *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, como **corpus** deste trabalho deveu-se à sua importância para o estudo lingüístico regional — matriz temática da pesquisa, uma vez que essa obra retrata, com muita clareza, a nosso ver, a vida sociocultural dos engenhos do Nordeste, apontando as mazelas da dominação da aristocracia rural privilegiada, da sociedade patriarcal, bem como, do lado oposto, a degradante condição dos “cabras” do eito.

A perspectiva sob a qual fizemos a leitura da obra não foi, predominantemente, a literária, mas a sociocultural, com base na linguagem, envolvendo o inter-relacionamento língua-cultura-sociedade, valendo-nos das informações obtidas no texto como documentação digna de crédito para comprovação científica.

Os fenômenos lingüísticos que constituem objeto de nossa pesquisa, serão analisados sob a perspectiva antropológica, concebendo-se, pois, a língua como instrumento social que se configura como veículo de manifestações culturais e de

posições ideológicas, retratando formas de viver e de comportamento, refletindo o pensamento e as expectativas de vida de uma população, de uma época, de um determinado espaço físico. A língua apresenta-se como um reflexo da realidade, razão por que está sujeita a mudanças, por influência tanto de fatores lingüísticos, quanto extralingüísticos.

Constitui, assim, objeto de nossa análise a linguagem regional/popular nordestina, considerando-se aspectos de ordem histórica, antropológica, sociológica que o Autor exercita, de forma livre, espontânea, num estilo com sabor de oralidade, constituindo-se numa marca da influência da linguagem regional/popular sobre a escrita.

No painel dos tipos humanos descritos por José Lins do Rego, em *Menino de engenho*, destacamos, primordialmente, os personagens Carlos de Melo - o menino de engenho, o seu avô Coronel José Paulino, o tipo representativo de senhor de engenho, e os homens do eito.

Os demais tipos humanos já elencados bastante numerosos em um romance de curtas dimensões, servem para compor e dar vida à real descrição de um engenho de açúcar no Nordeste, com todas as suas características, formas de manifestação, hábitos e costumes de sua gente. A passagem desses tipos humanos dá-se de modo transitório, ocupando, muitas vezes, um capítulo, ou são mencionados apenas superficialmente, além de uns poucos familiares, dentre estes a figura da Tia Maria e num plano imediatamente inferior, o Tio Juca.

Os mais destacados são os moradores, os empregados, as comadres, os oficiais carpinas, as negras que ainda restavam do tempo da escravidão e trabalhavam, no mais das vezes, nos serviços domésticos; o cangaceiro, sobretudo a figura de Antônio Silvino, a contadora de histórias, a velha Totonha, alguns vizinhos, enfim, uma espécie de corte da sociedade e da cultura que compunham o mundo dos engenhos.

Menino de engenho reflete a busca de captação da vida e da cultura de uma região e constitui um dos grandes momentos na trajetória do Regionalismo brasileiro, notadamente, no aspecto lingüístico. A espontaneidade, o lirismo intenso, a escolha dos vocábulos voltados para o tema do ciclo da agroindústria da cana-de-açúcar se refletem nas obras subseqüentes. Os romances seguintes do ciclo contribuem para enriquecer, de forma considerável, o amplo panorama, quer social, quer cultural, ou lingüístico retratando a ascensão e a decadência do patriarcado rural nordestino e as características da sociedade agrária, no início do século XX.

Os tipos humanos arrolados, dentre os quais, **cabras do eito, bicha, cambiteiro, negrada, quenga**, etc, em suas falas percebe-se um maior número de termos regionais/populares. Em seus discursos, como se sabe, a fala reflete o nível sociocultural.

Faz-se necessário complementar o campo semântico com um breve perfil dos tipos humanos que mais se destacaram no universo da obra, descrevendo-lhes as características e situando-os em relação aos demais tipos, sempre numa perspectiva sociocultural, com reflexos na língua.

- **Coronel José Paulino**: avô do “menino de engenho” Carlinhos dono do Engenho Santa Rosa, patriarca da família, chefe político da região de Pilar. É admirado pelo seu vigor, pela disposição para o trabalho, transformando as terras que recebera de herança, em um império, tornando-se proprietário de nove engenhos na Várzea do Paraíba.

O episódio da cheia, elemento chave no campo CLIMA & HIDROGRAFIA, também se reflete nos TIPOS HUMANOS, servindo de parâmetro, sobretudo, na energia do coronel e na sua liderança no trabalho, comandando as ações e administrando os prejuízos inevitáveis que ela trazia.

A citação, a seguir, justifica essa afirmação: “O meu avô, com aquele seu capote de lâ, comandava o pessoal como um capitão de navio em tempestade.”(ME, p.70-1)

Essa imagem define bem a situação de um senhor de engenho protetor, fiscalizador de sua matas, observador do trabalho do eito, da moagem da cana e inspecionando o fabrico do açúcar.

Aspectos outros, tais como o contributo para as festas religiosas e o cuidado com as moléstias que surgiam no engenho, utilizando-se da medicina caseira, são, também, tratados por José Lins, no personagem **José Paulino** figura patriarcal do senhor de engenho, que impõe respeito pela sua presença e pelas suas atitudes enérgicas.

- **Carlinhos**: Neto do Coronel José Paulino, em cujo engenho passa a residir após a morte de sua mãe, Dona Clarisse, assassinada pelo pai. No Engenho Santa Rosa, para onde é levado aos quatro anos de idade, o menino conhece os prazeres da liberdade, o contacto direto com a natureza, os amores e a iniciação prematura no sexo. A morte da mãe o torna um menino triste e carente; a loucura do pai o enche de medos, alimentado pelas superstições e credenças do povo do engenho, constituindo ele, uma referência para os demais meninos.

- **Homens do eito**: era o grupo humano que detinha a maior força de trabalho. No eito, havia a tarefa conduzida sob a fiscalização de um feitor, sempre autoritário, principalmente se fosse negro, porque o mulato e o “cabra” eram mais complacentes.

Dentre os tipos humanos, o senhor de engenho constituía o primeiro elemento a organizar-se em corpo, classe, entidade distinta, fora do ambiente citadino, que sediava militares, burocratas, fiscais e religiosos. Da **casa-grande** saíram elementos específicos para todas as atividades dessa época.

Pertencer ao engenho era aceitar o dever da solidariedade aos imperativos da tradição.

Os contatos com o “pessoal” eram quase sempre fora da linha do serviço. Não podia haver confiança entre o senhor da casa-grande e o “cabra” do eito. Essas duas entidades eram comuns no interesse, e divergentes nas funções.

O “negro do pé-de-engenho” e o “cabra da bagaceira” conservavam relações amáveis para com quase todos os patrões. O sentido de autoridade escoava-se por essas malhas mais frouxas da armadura senhorial. Era indispensável fazer esperar o consulente, valorizando o consultor. Processo semelhante ocorre ainda, nos dias de hoje, nas ante-salas dos políticos e dos ministérios.

O espírito de conversas das senzalas continuava nas rodas da bagaceira, convidativa praça do mundo canavieiro, onde todos os caminhos se cruzavam.

O **engenho** era um ajuntamento de tipos humanos: trabalhadores, mestre-de-açúcar, agregados, rendeiros, moradores vizinhos, etc. Os ex-escravos, as pessoas da copa e cozinha da casa-grande, os carreiros, o mestre-de-açúcar e o feitor eram vistos como especiais. Havia, naturalmente, visitas e uma solidariedade discreta no permanente serviço de informação e aviso entre a casa-grande e a bagaceira. Essa era a tradição social dessa comunidade. Ali, se sabia de tudo. Esse direito de reunião, pacífica e destituída de intuítos reservados, funcionava como a oportunidade da companhia humana, “*o estar juntos.*”

O canal e a senzala não ofereciam, materialmente, ambiente para tal convivência, um pela distinção prática e compulsória, outro pela asfixia espacial. Todos os recantos da senzala estavam ocupados por uma aglomeração inominável de coisas velhas, “*cacarecos*”, indefinidas e consideradas preciosas para os seus proprietários, que já não eram escravos, mas obedeciam ao estilo dispositivo nos arranjos domésticos.

Na **bagaceira** havia a convivência, a confiança, o conhecimento da comunidade em seus fundamentos mais humildes e constantes. Ali, eram revelados os segredos da vida escrava, geralmente raros. Os homens da **bagaceira** sabiam, antes da **casa-grande**, as notícias distantes de interesse comum.

Como se pode observar, os tipos humanos que compunham a **bagaceira** eram submissos aos da casa-grande a quem consagravam ou apenas toleravam, pela impossibilidade de libertação. Esses aspectos se faziam refletir, também, na língua. Assim, ainda resistem inconfundíveis e paralelos, os dois conceitos, os dois mundos, as duas formas diferentes de viver, em um mesmo espaço, o espaço do **engenho**.

Bibliografia sobre José Lins do Rego

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro* (1857-1945). Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- AZÊVEDO, Neroaldo Pontes de. *José Lins do Rego: trajetória de uma obra*. João Pessoa: FECP, 1996.

- CARPEAUX, Otto Maria. José Lins do Rego. In: *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. 1959, p. 280-82.
- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: EDART, 1961.
- _____. José Lins do Rego e a criação do ciclo da cana-de-açúcar. *Diários Associados*. Rio de Janeiro: 12 jan. 1956. Edição Especial dedicada ao Açúcar.
- _____. Memória e regionalismo. In: REGO, José Lins do. *Romances reunidos de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CAVALCANTI, Valdemar. "Menino de engenho". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro: 19, jun. 1932, p. 19.
- COUINHO, Edilberto. *O romance do açúcar. José Lins do Rego, vida e obra*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980.
- COUTINHO, Odilon Ribeiro. *José Lins do Rego, perda e reparação*. Natal: Ed. Part. 1961.
- COUTINHO, Afrânio. *José Lins do Rego*. Org. por Eduardo F. Coutinho & Ângela Bezerra de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FUNESC, 1991.
- GARBUGLIO, José Carlos. Fôlego de gato (O regionalismo e suas versões). In: *Acta Semiótica et Lingüística*. São Paulo: Global, 1979.
- INOJOSA, Joaquim. Esta carta ao Zé Lins. *Jornal do Commercio*, Recife, 4 jun. 1922.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 142.
- PONTES, Maria das Neves A. de. *A influência da língua falada em Menino de engenho, de José Lins do Rego*. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1992.
- _____. Visitando José Lins do Rego e seu *Menino de engenho*. In: *Revista da Academia Paraibana de Letras*. Nº 11, João Pessoa, 1994.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- RONAI, Paulo. De *Menino de engenho* a *Pedra bonita*, estatuto. In: REGO, José Lins do. *Pedra bonita*, 9. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 8-25 (Col. Sagarana, 53).
- SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Moraes. *Nordeste, açúcar e poder: um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba (1920-1962)*. João Pessoa: CNPq/UFPB, 1990.
- SOBREIRA, Ivan Bichara. *O romance de José Lins do Rego: ensaio*. 2. ed., João Pessoa: A União, 1979.

VILANOVA, José Brasileiro Tenório. *Linguagem e estilo de um menino de engenho*. Recife: Imprensa Universitária, 1962.

Bibliografia Lingüística

- AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 418.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Lingüística aplicada aos falares regionais*. João Pessoa: A União, 1983.
- BALDINGER, R. *Teoria semántica* - hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970, p. 278.
- BALLY, C. *El lenguaje y la vida*. 7. ed., Buenos Aires: Editorial Lozada, 1977.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- BASÍLIO, Margarida. *Estrutura lexical do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral-I*. São Paulo: Nacional, 1976.
- BERNSTEIN, B. *Langages et classes sociales*. Paris: Ed. de Minuit, 1975.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- _____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.22., n. 4, p. 81-96, dezembro de 1987.
- _____. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p. 131-145.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990, p.98.
- BORBA, F. da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: CEN, 1970.
- CASCUDO, L. da C. *Geografia dos mitos brasileiros*, 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: INL, 1976, p. 345.
- _____. *Sociologia do açúcar: pesquisa e dedução*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971. (Col. Canavieira, 5)
- _____. *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, [s. d.], p. 167.
- GARMADI, J. *Introdução à sociolingüística*. Lisboa: D. Quixote, 1983.
- GECKLER, H. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976.

Dicionários e Glossários

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva et al. *Glossário aumentado e comentado de_A bagaceira*. João Pessoa: A União, 1984.
- . *A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- BARBALHO, Nelson. *Dicionário do açúcar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1984.
- CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982.
- CLEROT, L. F. *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba: estudo de glotologia e semântica paraibana*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1959.
- MOURA, F. Hugo. Alimentação e linguagem popular. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*. João Pessoa: n° 17, 54-71, 1970.
- ODILON, Marcus (org.) *Camumbembe e seus parentes*. Belém: Falangola, 1997.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário folclórico da cachaça*. Recife: 1973.